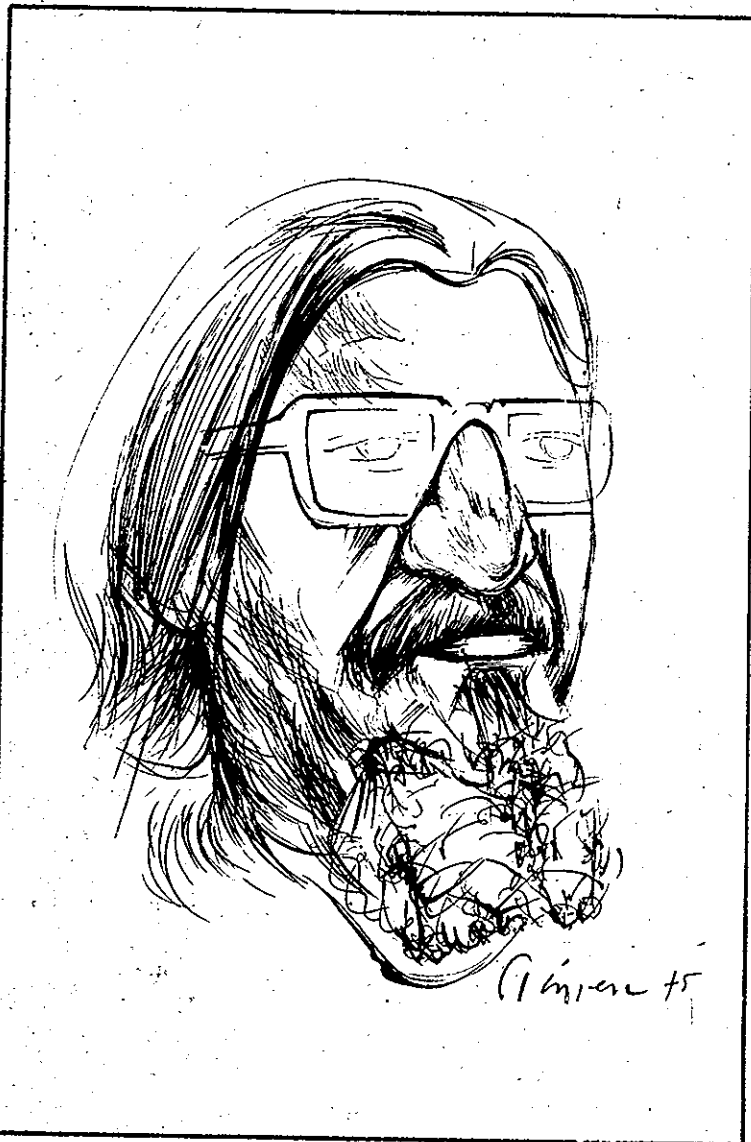


INDIOS

QUANDO A LIBERDADE É NEGADA



Orlando Villas Boas

Quando os índios caiabi chegaram ao Parque Nacional do Xingu, há mais de 10 anos, estavam marcados por uma experiência com frentes de colonização. Fugiam das margens do rio Teles Pires, no Pará, onde seringueiros e seringueiros queriam transformá-los em escravos. Mas no Xingu a tribo manteve seus valores étnicos e culturais, permaneceu unida e sobreviveu como nação.

Os que ficaram para trás foram transformados em inexpressivos seringueiros; a serviço de espertos civilizados, e muitos se tornaram alcoólatras ou mendigos nas margens perdidas e solitárias do rio.

"Não, daqui nosso povo não sai mais", diz hoje o pajé Prepori. "Há muitos anos que estamos fugindo. Foi assim com nossos avós, com nossos pais e antes dos nossos avós. Agora, caiabi, assim como juruna, tucarramãe e suiá, terá que reagir morrendo."

Retirada — Através dos anos deste século, e dos anteriores, o índio brasileiro bateu sempre em retirada à procura de um pouso seguro, onde pudesse se defender das invasões do homem branco e seu decantado "progresso".

Eram mais de 3 milhões, por ocasião do descobrimento do Brasil, e hoje eles não somam mais de 120 mil. Só no século XX, quando o país começou a despertar para os inomináveis crimes praticados contra essas civilizações, desapareceram, como nação e mesmo como grupo, pelo menos umas 100 tribos diferentes.

Mas quem é esse índio que se pretende defender? Cláudio Villas Boas, há mais de 30 anos vivendo entre os índios, costuma dizer que temos uma dívida com eles, que jamais será sanada.

"O índio — diz — não é um homem sem lei que vagueia pelo mato, armado de borduna, matando e destruindo. Em seus domínios, o equilíbrio é mantido e ele vive em paz consigo e em harmonia com a natureza. O mesmo

não acontece com o civilizado, que precisa destruir, matar, derrubar florestas, desviar cursos de rios, quando não eliminar fauna e flora, quase sempre com o objetivo específico de lucros, enriquecimento pessoal ou de grupos restritos."

O nosso índio é, assim, o defensor dessa natureza que o homem branco costuma destruir. Nos seus domínios, continua Cláudio Villas Boas, há caminhos certos, assim como o seu mundo moral segue regras e leis, tem valores e fins.

"Na realidade constituem sociedades estáveis e sua religião não é um amontoado de superstições grosseiras e idéias sem nexo. Possuem uma religião baseada na crença de 'heróis mitológicos' ou entidades sobrenaturais que criam o mundo, o homem, os animais, a floresta."

A história do índio no Brasil, diz ainda o sertanista, está intimamente ligada à nossa, desde o descobrimento, mas a participação que tiveram na formação política do país não foi, até agora, suficientemente destacada pelos historiadores.

As ameaças — "Índio é índio, caraíba é caraíba", costuma afirmar, aos gritos, Raoni, um capitão tucarramãe de grande altura, com mais de 1,80m, revelando uma intuição clara de que todo contato de seu povo com os brancos é sempre perigoso.

Até mesmo as frentes de colonização são ameaçadoras. A fragilidade do índio, ele que é tão forte, ante uma gripe ou um sarampo, é indescritível. O padre Cobalchini, de uma missão religiosa católica na Base Xavantina, no Brasil-Central, contaminou pelo menos 800 bororos com tuberculose. O que significa a morte de todos, sem qualquer possibilidade de sobrevivência.

Esse não é um fato isolado, mas um fato comum, que se repete sempre. Pelo menos os historiadores registram, que já no início da nossa história, a

tuberculose do padre Anchieta teria contagiado milhares de tupi-guaranis. Noel Nutels, o grande médico sertanista recentemente falecido, ouviu certa vez de Maluá, capitão carajá, uma confissão terrível e verdadeira: "Seu povo nos trouxe uma doença e nunca mais paramos de tossir e cuspir sangue".

Os lucros — Outra ameaça permanente aos índios é a ganância do homem branco e de empresas por ele dirigidas ante a possibilidade de lucros que as terras indígenas lhe oferecem.

Orlando Villas Boas, diretor do Parque Nacional do Xingu, 34 anos a serviço dos índios, chama a atenção para a ocupação da Amazônia "esse processo chamado progresso e que nada mais é que uma agressão ao homem e à natureza".

Homens sem nenhuma tradição de colonização, segundo Orlando, fabricantes de sabão de Santo Amaro e parafusos de Santo André, que enriqueceram nessas atividades ou coisa semelhante e que se viram, de repente, por força de incentivos fiscais, no direito de expandir seus capitais na Amazônia.

"Como esperar — pergunta Orlando — que esses homens procedam de maneira equilibrada, sem a levandade e pressa próprias de quem desconhece a profunda importância da floresta amazônica num mundo poluído e devastado como o atual?"

Um outro exemplo do "progresso" que destrói as nações indígenas: a Ilha de Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, antes exuberante e rica, transformou-se em pasto para centenas de cabeças de gado. A FUNAI arrendou essas terras para criadores de Mato Grosso e Goiás. E a nação carajá que ali vive e que, no final do século passado, somava pelo menos 20 mil índios, hoje está reduzida a 300 silvícolas, muitos dos quais transformados em grupos de desagregados sociais, entregues à bebida e à mendicância.

"O boi é o anticolonizador por excelência", explica Orlando Villas Boas a Opinião. "Onde ele chega, expulsa o homem. Principalmente se for o índio, que não tem vocação para o ato puro e simples de tanger o animal. O índio é bastante pleno e livre para não se conformar com essa mesquinhez de vida."

Numa aldeia em estado puro não há prostituição, tuberculose, gripe, doenças venéreas. Ali, de um modo geral, ninguém deve obediência a ninguém. Há respeito, mas não o domínio, autoridade arbitrária. E é uma civilização que não conhece o lucro, a exploração do homem pelo homem e que dificilmente pode se condicionar a viver sem liberdade.

Minério — Mas a grande ameaça ainda está por vir. No Parque Nacional do Aripuanã, onde vivem cerca de 5 mil índios (cintas-largas, suruí, araras, gaviões e erikpatsas) a situação não está nada tranquila. Ocupando o território de Rondônia, esse parque vive hoje a tragédia de possuir terras ricas, com suspeita de minério em seu solo.

Na faixa norte da aldeia suruí existem índios arredios, cabeças-secas, que recusam contato com civilizados e atacam até mesmo os silvícolas aculturados. Na faixa sul, segundo depoimento do sertanista Sebastião Lacerda Filho, os empregados das companhias de colonização não vacilam, muitas vezes, em atirar contra os índios.

Orlando Villas Boas observa que há suspeita de minérios também junto aos pakaas-nova, em Guajará-Mirim, assim como cassiterita em território dos cintas-largas, da mesma forma como se fala na existência de urânio em terras dos yanomamis, no território de Roraima.

Confirmadas essas notícias, o futuro dessas nações deixa de existir. Logo serão envolvidos em conflitos com essas frentes de exploração e, desse encontro — civilizados e índios — os resultados já são bastante conhecidos. (Edilson Martins)